

ESPERANÇA MESSIÂNICA E VISÃO DO GOVERNANTE JUSTO Reflexão a partir de 2Samuel 23,1-7

Milton Schwantes

Resumo

2Sm 23,1-7 encontra-se entre os assim chamados adendos a 1+2Sm. Estes acréscimos, que abrangem os caps. 21-24, estão agrupados no final do livro/rolo que reunia os dois livros designados de Samuel. Aí se encontra um oráculo de Davi: 2Sm 23,1-7. Trata-se neles de conteúdos proféticos. A vida na justiça é o anseio que ocupa o horizonte do davidismo messiânico! O oráculo do messias é o do direito!

Palavras-chave:

Messianismo; Profecia-messias; 2Sm 23,1-7; Davidismo; Justiça

Abstract

2Sm 23, 1-7 is that kind of writings named as additions to the Samuel's books. These additions that encompass the chapters 21-24, are gathered at the end of the book or scroll named afterward as Samuel; here we find the Davidic Oracle (2 Sm 23, 1-7). Actually we get there prophetic contents: life in the realm of justice is the craving horizons of messianic davidism and of the messianic oracles.

Key words:

Messianism; Prophecy-Messiah; 2Sm 23, 1-7; Davidism; Justice.

O messianismo é um dos eixos do Primeiro e do Segundo Testamentos. As esperanças encantadoras e a persistência popular que se vive em meio a tais esperanças também são típicas

de muitas experiências nacionais. A insubordinação de escravos e de pobres não cessa de vir à tona, carregada justamente pela expectativa de terras-sem-males, de novos tempos.¹

Estas expectativas se valem de muitos meios para expressar-se. Rebeliões e folguedos — ambos! — podem ser buscas e anseios pelo novo amanhã.

A Escritura bíblica encontra-se nesta cultura. Afinal, Cristo é messias! O que dele sabemos, sabemos-lo para caminhar os caminhos de nossas vidas em trilhos de messianidade! Por isso, vou em busca de textos, dos mais variados, que nos abram pequenos e grandes espaços messiânicos. Um deles se encontra em 2Sm 23,1-7:

¹*E estas [são] as últimas palavras de Davi:
'Oráculo de Davi, filho de Jessé,
oráculo do homem posto no alto,
o messias do Deus de Jacó
e o favorito dos cânticos de Israel.*

²*O espírito de Javé fala por mim,
e sua palavra [está] na minha língua.*

³*Disse o Deus de Israel,
a mim declarou a rocha de Israel:*

*Governa os homens segundo a justiça,
o que governa no temor de Deus.*

⁴*E como a luz da manhã, ao levantar do sol,
numa manhã sem nuvens
— desse brilho, depois da chuva, a relva brota da terra —*

⁵*Eis não [é] assim, não é, minha casa junto de Deus?
Eis, aliança eterna concedeu-me,
ordenada em tudo e bem guardada?
Eis, meus triunfos todos, tudo o que agrada, não os faz germinar?*

⁶*Os vadios [são] todos como o espinho que se rejeita.
Eis, não os arrancam por braçadas?*

⁷*E quem os toca usa ferro e haste de lança:
são queimados, queimados no lugar.²*

¹ Cf. O. MADURO, *Religião e luta de classes*: Quadro teórico para a análise de suas inter-relações na América Latina. Petrópolis, Vozes, 1983; J. AMADO, *Conflito social no Brasil*. A revolta dos 'Mucker'. São Paulo, Símbolo, 1978 (observe-se em especial a Parte 3 — A revolta); A. P. TOTA, *Contestado*: A guerra do novo mundo. São Paulo, Brasiliense, 1983.

² Esta tradução de 2Sm 23,1-7 se baseia na *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Paulus, nova edição revista e ampliada, 2002. Adicionei adequações a partir do texto hebraico.

1. ORIGEM E ESTILO

No contexto do tema da esperança messiânica, convém que mencionemos 2 Sm 23,1-7 *as últimas palavras de Davi*. São parte destes capítulos agregados no final do segundo livro de Samuel (2 Sm 20-24). Um destes capítulos é um salmo: 2Sm 22. Inclusive está repetido no Salmo 18. E, de fato, *as últimas palavras* estão nas imediações dos textos do saltério. Contudo, nos são apresen-

³ Cf. S. MOWINCHEL, *El que ha de venir: Mesianismo y mesías*. Madri, Fax, 1975; F. STOLZ, *Das erste und zweite Buch Samuel*. Zurique, Theologischer Verlag, 1981.

tados em outro estilo. Assumem o jeito do *dito de visionário* (Cf. Nm 22-24). Encontram-se, pois, nas imediações da profecia. Mas, esta proximidade com visão ou profecia mais bem aparenta ser estilo literário próprio da introdução, isto é, os v.1 (visão) e v. 2-3a (profecia)! Quando as *últimas palavras* formulam seu conteúdo (v. 3b-7), a rigor não são nem visão e nem profecia. Seguem antes o fluxo da sabedoria (como já foi constatado na pesquisa).³ Em fala sapiencial nos são apresentadas as qualidades de um regente davídico. São um tipo de *programa de governo* ou, como se diz, *espelho de regente*. Sua origem será similar a do Sl 101: círculos sapienciais do âmbito da corte, voltados à instrução dos governantes. Não será remoto ou antigo. Em todo caso, *não é muito peculiar da situação dos dias de Davi*.

O texto é uma composição de diversas partes. Ao apresentar a tradução da versão da *Bíblia de Jerusalém*, chamo a atenção para as subdivisões. Há cinco subunidades neste nosso trecho.

O v.1 introduz o texto no estilo do dito de um visionário (relembro Nm 24,15-16). Esta introdução apresenta a visionária.

Nova subunidade constituem os v. 2-3^a; tematizam a origem da palavra do vidente.

As duas primeiras subunidades formam, pois, uma dupla introdução: o v.1 apresenta o vidente, os v.2-3a sua palavra.

Um novo conjunto, temos nos v. 3b-4. Comparam o governante justo com dois fenômenos benignos da natureza. Não há ligação visível entre os v.1 + 2-3a e os v.3b-4.

O v. 5 forma outra parte. Está ligada à anterior. Aparece como aplicação. Os v. 3b-4 falam, em geral, das benesses de um governante justo; o v. 5 concretiza-o em relação ao davidida. Este v. 5 inicia com uma tese sobre o vínculo entre a dinastia davídica e seus familiares (*assim certamente está com Deus minha casa*). E destaca dois fenômenos concretos que atestam a veracidade deste vínculo: por um lado, é mencionada a existência da dinastia (*eis, estabelecem promessa eterna comigo...*) e, por outro lado, é dado destaque aos sucessos alcançados pelo davidismo (*eis todo meu salvamento... ele faz prosperar*).

Os v. 6-7 são nova subunidade. Enquanto os versículos anteriores (v. 3b-4a e v. 5) falavam do regime davídico como promotor da justiça, os v. 6-7 apresentam-no como combate aos *filhos de belial* (filhos do mal). Os v. 3b-4 + 5 vêem o bem que os davididas causam, o v. 6-7, o mal que destroem.

Não se pode dizer que as diversas subunidades deste testamento de Davi estejam nitidamente interligadas. Antes estão justapostas. Através desta adição cria-se certa seqüência coerente *que começa pela apresentação do vidente (v. 1) e a origem divina de sua fala (v. 2-5a)*. Alcança seu objetivo na apresentação do bem criado do mal eliminado pelo ungido.

O começo do v. 2 é uma espécie de tese básica. Passemos, pois, ao conteúdo.

2. CONTEÚDOS: ASPECTOS MESSIÂNICOS

As *últimas palavras de Davi* têm caráter de testamento. São programáticas, como destacava um exegeta.⁴ Os círculos sapienciais que as formularam, nas cercanias da corte hierosolimitano, tiveram o intuito de fixar o que lhes parecia ser o mais relevante a respeito do davidismo. Colocando-o na boca do próprio Davi, validaram-se sobremodo. Percebo que três áreas mereceram o especial carinho dos autores.

Primeiro: deram destaque à relação entre Deus e Davi. Duas frases programáticas enfatizam-no: uma no v. 5, outra no v.1. O v. 5 afirma categoricamente *minha casa certamente está com Deus*. Isso implica, como o explícito o próprio v. 5, tanto na promessa de *eternidade* para a dinastia (=casa) davídica quanto na certeza de sucesso nos empreendimentos. Ambos são como *comprovações* de que Deus (nossos versículos não usam o termo Javé) está com os davididas. Mas, o texto não só está atento à relação entre a dinastia e Deus; esta é a ênfase do v. 5.

Outro é o enfoque do v.1. Sua tese programática é a seguinte: *oráculo do lutador posto no alto*. Este *alto* há de ser, aqui, titulação para Deus. O próprio v.1 esclarece como se nota esta eleição divina de Davi. Está transparente na unção de Davi e em seu reconhecimento popular. Davi é *o ungido do Deus de Jacó*. É o escolhido, o protegido. Como tal é intocável como o era Saul. Esta unção, em nome de Deus, foi-lhe outorgada pelas tribos de Judá e Israel. Mas, não só esta unção evidencia sua escolha. Também o aplauso popular que lhe é tributado confirma a veracidade de sua eleição. Este, ao menos, é o sentido que atribuo à seguinte expressão do v.1: *o benquistofavorito dos cânticos de Israel*. Penso que aí é feita referência aos refrões populares dedicados a Davi, como o que está três vezes anotado em 1Sm 18,7; 21,11 e 29,5. Portanto, Davi é tanto o escolhido como o *ungido* (em nome de Deus) quanto é o *aclamado* (pelo povo). A aclamação é aqui uma espécie de reverso da unção. Em todo caso, ambos estão conectados a tradições populares. Chama a atenção que há uma sensível diferença entre o davidismo do v.1 e o do v. 5. Ambos destacam a estreita relação entre Davi/dinastia e Deus. Fazem-no, contudo, com diferentes enfoques. No v. 5, o davidismo aparece completamente autônomo em relação ao povo. A dinastia, na *eternidade* e sua eficácia prescindem do povo. Outro é o acento do v.1. Nele, o davidismo está conectado ao povo, ao reconhecimento popular. O v.1 enfoca as origens populares do davidismo, o v. 5 seu posterior

⁴ Cf. H. W. HERTZBERGER, *Die Samuelbücher*. Gotinga, Vandenhoeck & Ruprecht, 1973.

estabelecimento em Jerusalém. Portanto, nosso v.1 atesta a existência de um davidismo popular.

Segundo: destaque também é dado à qualidade profética de Davi. Isso é muito surpreendente. Lógico, há vínculos entre reinado e profecia na pessoa de Saul. Até surgiu um provérbio que registra esta proximidade: *também/inclusive*⁵ *Saul entre os profetas?* (1Sm 10,12 e 19,24). Mas, em Davi já temos a clara distinção entre o comando político e a profecia. Davi não assumiu tarefas de profeta. Estas eram campos de atuação de Gade e de Natã. Tanto mais surpreende que em 2Sm 23 *a posteriori* se tenha atribuído qualidades proféticas a Davi.

Nossos versículos, não chegam a dizer expressamente que Davi é profeta, mas, ao atribuir-lhe dons de visionário, dizem-no indiretamente. Afinal sabemos que os *profetas clássicos* ora faziam uso de fórmulas oriundas da prática de visionários; este é o caso da *fórmula do dito divino: dito de Javé* (veja-se, por exemplo, Am 1,6 e 3,10) ora eram chamados de videntes (Am 1,1; 7,12; Is 1,1, etc.). A profecia absorveu as tradições dos visionários (1Sm 9,9). Por conseguinte, nosso Davi dos v.1-3a é *um vidente profético*. Os v. 2-3a até insistem em qualificá-lo com o dom da fala, o dom específico da profecia (Jr 18,18). E esta sua qualificação com a fala é consequência do espírito de Javé. Por certo, este *espírito/ruah* está implícito na unção, da qual falava o v. 3. Unção e concessão do Espírito estão vinculadas de acordo à História da Ascensão de Davi ao Poder (1Sm 16 — 2Sm 5). Neste sentido, o Espírito vem a ser uma faceta do governar. Mas este justamente não é o que os v. 2-3a realçam. Neles, a dádiva do Espírito desemboca na proclamação. E isso é tradição profética, como a temos em Is 61,1-3; Mq 3,8; Jl 3,1-2. O Davi de nossos v. 2-3a está, pois, na tradição profética. É como se fosse um profeta. Não há de ser acaso que os versículos que dão ênfase à função profética do reinado davídico estejam próximos daqueles que aludiam à sua aceitação popular (v.1)!

Terceiro: a tarefa precípua do ungido está registrada em v. 3b-4 e v. 6-7. Na verdade, dela pouco se diz. Não alcança o nível do específico. Os v. 3b-4 afirmam o que a dinastia deve promover e os v. 6-7 o que deve combater. Fomentada deve ser a justiça e o temor a Deus (v. 3b). Um governo destes será uma bênção (v. 4). Chama minha atenção que ao lado da justiça — também tematizada em outros textos que se referem à tarefa do reinado — é mencionado o temor a Deus. Ora, o temor a Deus consiste no cumprimento concreto de seus mandamentos e suas proibições. O rei se parece, pois, a um sábio, promotor do temor (veja Pr 1,7!). Ao que positivamente deve ser instaurado, contrapõe-se o que deve ser aniquilado (v. 6-7). *O combate se dirige contra os filhos de belial/mal*. Serão erradicados (v. 7!). Estes maldosos são os que antagonizam a justiça e o temor a Deus.

⁵ Aqui o hebraico *gam* significa basicamente *em especial*.

Não se pode dizer que *as últimas palavras de Davi* sejam muito explícitas no detalhamento da função do reinado. Mais bem permanecem em um tom de certa generalidade. (Sigmund Mowinckel⁶ já o destacava!) Neste particular, textos como o Sl 72 ou o próprio Sl 101 irão a maiores detalhamentos. Ainda assim, a promoção da justiça desponta como tarefa primária do soberano. Se bem que não se possa deixar de ver este realce, dado pelo texto, também não se pode deixar de ver quão pouco específico e detalhado é o que se diz sobre o *dominar/governar*. Isso nos lembra outra vez, que o interesse deste testamento de Davi não é tanto a qualidade da execução do poder real, mas antes a *qualidade do ungido* e de sua dinastia, na proximidade do povo (v. 1), da profecia (v. 2-3a) e do próprio Deus (v. 5). A execução do poder está mais no interesse do Sl 101 e do Sl 72.

⁶ Cf. S. MOWINCKEL, *El que ha de venir*. op. cit.

3. AS NOVIDADES

Em comum com outras passagens, 2Sm 23, este testamento de Davi tem a ênfase na *eternidade* da dinastia enquanto tiver a justiça como critério primário do exercício do governo.

A peculiaridade está na origem na aceitação popular de Davi e nas qualidades proféticas do ungido. 2Sm 23 é um testamento de um davidismo popular.

A dificuldade de uma visão messiânica como a deste nosso *oráculo* é que o exercício do poder e o anseio por justiça justamente não coincidem. Espera-se algo do governante que ele mesmo não consegue efetivar em meio às contradições em que governa.

Há que ter em mente que 2Sm 23 precede a 1Rs 1-2.3-12, onde a monarquia mais e mais é desvendada em suas intrigas internas e em sua quase incapacidade de orientar-se em Javé e na justiça. Sim, entre monarquia e justiça irá aparecendo, cada vez mais, uma contradição insolúvel, o que passará a ser a ênfase dos profetas do VIII Século!